



## **Seca x Crise hídrica: Uma análise comparativa da abordagem do programa Profissão Repórter sobre a falta de água no sertão nordestino e no sudeste do país.<sup>1</sup>**

Patrícia Lais de Souza GONÇALVES<sup>2</sup>

Fabíola Moura Reis SANTOS<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia

### **RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de discutir a relação entre televisão e realidade com foco principal no tratamento dado aos problemas da falta de água nas regiões nordeste e sudeste do Brasil. Para tanto, analisou-se dois programas Profissão Repórter, da Rede Globo de Televisão, nos quais o tema foi abordado. Ao final tem-se um material analítico embasado em ideias defendidas por estudiosos das áreas de televisão e convivência com o Semiárido.

**Palavras- chave:** Jornalismo; Televisão, Crise Hídrica, Convivência com o Semiárido; Seca.

### **1. INTRODUÇÃO**

Em 1950 o nordestino Assis Chateaubrian trazia em sua bagagem de volta ao Brasil um artigo que poucos, a não ser o próprio Chateaubriando, acreditavam que viria a se tornar um dos veículos de comunicação mais influentes da história.

O Brasil viu pela primeira vez uma televisão em funcionamento foi em 18 de setembro de 1950. A partir daí, “a máquina de fazer doido”, como foi apelidada no país, começou a disputar a preferência do público com o rádio, veículo que até então atendia a todos os tipos de público e exercia forte poder de in/formação sobre os seus ouvintes, que o tinham como principal fonte notícias e entretenimento.

“Durante muitos anos a televisão foi um artigo de luxo, pois por conta do preço alto, poucos tinham condições de comprar um aparelho que além de emitir som, emitia também imagens, fato que deixava muita gente intrigada na época. “A transmissão sofria problemas, os aparelhos eram escassos e a programação uma incógnita. Ainda assim,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Comunicação Social/ Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia, email: [patylaiz@hotmail.com](mailto:patylaiz@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, professora auxiliar do curso de Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios. Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF). Aluna regular do Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), UNEB. Email: [fmrsantos@uneb.br](mailto:fmrsantos@uneb.br).



inaugurou-se uma nova relação do brasileiro com o mundo da imagem.” (RIBEIRO, SACRAMENTO e ROXO, 2011)

Ao longo desses 65 anos de existência, a TV, hoje onipresente, foi aos poucos se firmando como um importante veículo de comunicação, tornando-se a mídia de maior impacto na sociedade brasileira, segundo Ribeiro, Sacramento e Roxo em “A História da Televisão no Brasil”.

Cada veículo de comunicação apela para um artifício a fim de, numa linguagem popular, cair no gosto de quem está do outro lado. No caso da televisão, o forte é a imagem que, muitas vezes, supera o imediatismo do rádio. Nesse caso o veículo não perde credibilidade, e sim adeptos que preferem esperar a confirmação do fato por meio da figura em movimento.

Nessa perspectiva, o jornalismo foi se tornando cada vez mais fundamental nas grades de programação das emissoras televisivas. Ao sair para preparar um material a ser exibido nos telejornais, repórter e cinegrafista se esforçam para fazer um recorte verossímil dos fatos. Tudo, desde a forma como se elabora uma pergunta até o formato de enquadramento da câmera, influencia na hora de reproduzir a realidade.

Assim, o conjunto ou o produto final é recebido pelo espectador, grande parte das vezes, como uma verdade absoluta. A relação entre televisão e realidade é tema de diversos estudos, antigos e atuais, que objetivam compreender e explicar o porquê de uma caixa quadrada, hoje em dia nem tão caixa assim, exerce entanto poder de influência sobre as pessoas.

Este artigo não se faz diferente. Pretende-se aqui analisar e discutir a diferença de tratamento de uma mesma equipe de televisão na produção de um programa cuja pauta tem o mesmo encaminhamento, porém em regiões diferentes do Brasil. O programa é o Profissão Repórter exibido todas as noites de terça-feira pela Rede Globo de Televisão e a pauta é referente a falta de água tratada na região sudeste como uma crise hídrica e na região nordeste como algo impossível de se resolver.

## **2. AFINAL O QUE É A SECA?**



Comumente ligada a regiões com baixo índice pluviométrico, a seca é sempre relacionada a caatinga, bioma típico do Semiárido brasileiro e com uma condição climática caracterizada pela baixa umidade e precipitação pluviométrica (no Brasil, inferior a 1000 mm). Em detrimento a essa particularidade, as regiões semiáridas passaram a ser chamadas de sertão, palavra derivada de "desertão".

Segundo o professor Rubem Tadeu (2012), "há também estudiosos que afirmam tratar-se de uma corruptela da palavra sertã (frigideira) pelo fato de ser uma região onde se registram altas temperaturas".

Embora o termo "sertão" seja, na maioria das vezes, relacionado ao nordeste brasileiro, as regiões sertanejas são, na verdade, definidas por apresentarem períodos longos de estiagem, como o extremo norte de Minas Gerais. Ao longo do tempo as regiões "secas", mais precisamente as nordestinas, foram alvo de uma diversidade de estereótipos, um dos mais expressivos deles foi a "substituição" do termo estiagem por seca.

Por conta do clima seco, é comum observarmos, na mídia por exemplo, a região nordestina ligada sempre a pobreza, fome e miséria. As condições climáticas do Semiárido são naturais, mas quase nunca são abordadas dessa forma, o que contribui para a disseminação de uma imagem falsa sobre o sertão nordestino.

É verdade que a água da chuva não tem capacidade para abastecer toda região caracterizada como seca, pois além de se concentrar em poucos meses, a temperatura elevada contribui para uma significativa perda de água pela evapotranspiração, o que leva a secagem rápida do solo e dos reservatórios abertos.

Salvo uma série de alternativas desenvolvidas e testadas para a convivência com a seca, o que resta para a população suprir a falta de água é o São Francisco, único rio perene capaz de garantir água na região. Porém, segundo informações do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) "mesmo este rio largo e farto de água não é a solução, pois a poucos quilômetros da sua margem, a população já depende dos carros-pipa."

Com a falta de políticas públicas, como saneamento básico e água encanada restou para os sertanejos esperar pelos poucos meses de chuva a fim de captar e armazenar a água



para ser utilizada em períodos sem precipitação. Entenda a distribuição de chuva no nordeste:



As três cores significam os três regimes diferentes de chuva que existem no nordeste.

- A. O verde significa a chuva de dezembro até fevereiro que vem do Sul em forma de trovoadas (ocorrendo nos estados da Bahia, Piauí e Maranhão).



- B. A cor laranja indica a chuva de março e abril que vem do Norte (ocorrendo em partes dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Norte da Bahia).
- C. A cor marrom significa a chuva de maio a agosto que acontece do litoral até 200 quilômetros no interior e onde há serras. Esta chuva vem do Sul-Nascente e ocorre em partes dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Nota-se através da figura acima que o nordeste recebe chuva de várias direções, o que é uma vantagem. Em contraposição, o que acaba gerando uma dificuldade para quem depende dessa água é o fato de que nenhum desses três regimes vem na época certa e na quantidade esperada, além do que o fluxo pluviométrico é diferente a depender da região. Ainda assim, essa ideia de captação e armazenamento da chuva é fundamental para o sustento de diversas famílias que dependem da água.

Porém, embora essa seja uma boa alternativa, as condições do clima semiárido impõem certas restrições. Por exemplo, os poucos reservatórios existentes, açudes grandes e não apropriados concentram a água em amplos e espaçosos reservatórios, com grandes espelhos de água que facilitam a evaporação.

Mesmo assim quando há água suficiente, estudos diversos mostram que é de má qualidade e não é bem utilizada. Segundo informações do IRPAA Semiárido, “isso acontece tanto com a água para o consumo humano, como para a destinada para a produção agrícola”.

Enquanto armazenar e captar água da chuva, experiência implantada por parte das organizações civis, se firma como a opção mais viável para o consumo humano, há outra alternativa, tão eficiente quanto, pouco aproveitada. Disponível durante todo ano e suficiente para suprir as necessidades em longos períodos de estiagem, a água subterrânea é uma fonte que pode proporcionar um maior volume de água do que o captado da chuva.

Essa tecnologia, considerada inapropriada na região sertaneja, ainda é pouco utilizada porque as bombas instaladas pelos Governos exigem frequentes manutenções que custam caro para as famílias de agricultores.

Ainda é preciso levar em consideração que o problema de falta de água não atinge todo nordeste. É verdade que há regiões onde não se conhece seca, outras com um período de pelo menos seis meses por ano sem chuva. Nestas regiões, a plantação de roça e a



criação de gado, hábitos comuns do sertanejo, não são seguras. Há ainda outras regiões, com seca de pelo menos oito meses por ano, nesse caso a atividade segura para viver é a criação de cabras e ovelhas, animais que consomem pouca água e se adaptam facilmente ao clima, ao contrário do gado.

Toda essa discussão é para facilitar o entendimento da ideia que:

“Ainda não é comum a preocupação por parte dos governos de captar e armazenar a água das chuvas com estruturas à prova da evaporação e próximo às casas dos lavradores e lavradoras. Necessita-se de um plano de infraestrutura hídrica descentralizada. Grande parte da população ainda não possui e não tem condições de construir seus reservatórios com recursos próprios. Esses fatores contribuem para que no período de seca, a população fique na dependência do carro-pipa e vulnerável à manipulação por parte de alguns políticos.” (IRPAA, 2015)

Porém, esse não é um assunto que diz respeito apenas aos governantes, tudo isso deve ser discutido com os mais diversos segmentos da sociedade como o poder público, associações, sindicatos, mídia, cooperativas e partidos políticos. Havendo diálogo entre essas esferas é possível traçar planos para uma luta política em favor da realidade do nordeste, pois como foi discutido aqui, a seca é natural, cabe ao homem aprender a conviver com ela.

“A natureza, as plantas e os animais se adaptaram muito bem à este clima: muitas plantas armazenam água na época da chuva nas raízes ou troncos, para ter água na seca, como o umbuzeiro, o mandacaru. Nós que vivemos neste clima devemos aprender a conviver com o nosso clima, como a natureza nos mostra. Damos à esta atitude de vida o nome de Convivência com o Semiárido (CSA). Assim, como o Nordeste é diferente das demais regiões do Brasil, há diferenças também dentro do próprio Nordeste, o que deve ser levado em conta nos diversos planos e projetos.” (IRPAA, 2015)

Nesta perspectiva conclui-se que a natureza de cada região é igualmente diferente. Desta maneira, no Semiárido brasileiro, ou em qualquer outro local do país, não se deve importar costumes e hábitos, e sim “procurar um caminho próprio para a criação e a lavoura, que chamamos de convivência com nosso clima”.

### **3. ROFISSÃO REPÓRTER SECA NO NORDESTE**

O Profissão Repórter sobre a seca no nordeste foi exibido em 21 de maio de 2013. Ao longo dos 26 minutos e 50 segundos, o programa, que trazia a manchete “População do Nordeste sofre com a pior seca dos últimos 50 anos”, mostrou ao telespectador os problemas,



consequentes da falta de água, enfrentados por alguns moradores da zona rural de Pernambuco e do Piauí, no sertão nordestino.

A reportagem faz uma breve passagem na Paraíba com a equipe buscando pessoas endividadas “por causa da seca” e logo exhibe imagens de uma manifestação feita em Campina Grande, onde agricultores ocuparam a frente de um banco da cidade com carcaças de gado morto, imagem que se tornou a principal representação da seca. As fontes explicam que fizeram empréstimos para arcar com as despesas de suas propriedades rurais que, sem água, não oferecem nenhum tipo de lucro aos proprietários.

O programa faz uso de alguns dados disponibilizados pelo Banco Nordeste, instituição que oferece subsídios aos pequenos agricultores. Foi lá que 290 mil pessoas realizaram empréstimo e estão com o nome na lista dos que possuem dívidas antigas e não conseguem pagar. Segundo o Banco, a gerência chegou a oferecer até 85% de desconto para quem pudesse negociar, mas nem com essa alternativa foi possível diminuir esse dado.

Em OFF<sup>4</sup> ao longo da matéria, a produção faz uso de diversas frases, narradas pelos próprios personagens, que expressam o sofrimento dessas pessoas. A edição busca um artifício que ajuda a deixar a narração ainda mais emblemática. Em cima de um fundo escuro, visivelmente marcado pela imagem de um chão rachado, as palavras que vão sendo ditas, aparecem em caixa alta para o telespectador.

- “Você é um homem cabisbaixo, você é um homem triste quando você tem uma dívida que não pode pagar.” (Frase de José Cassiano da Cunha, com dívida de R\$ 125.715,45)
- “Aqui nós trabalhamos vinte anos para ficar pobre num ano só” (Frase de Rinaldo, criador de gado da cidade de Bodocó, em Pernambuco)
- Por que o povo cai em depressão? Porque para e pensa: daqui uns dias, nós vamos viver de quê?
- “Mas com a seca se acaba toda a boniteza, fica só a feiúra.” (Frase de Danilo Menezes, trabalhador rural se referindo a beleza da Caatinga)

Em Petrolina, no sertão pernambucano, o repórter Caco Barcelos vai até as margens do rio São Francisco para conversar com motoristas que se encontram no local abastecendo seus diversos carros-

---

<sup>4</sup> Narração gravada da reportagem. Usada para cobrir as imagens. O off é a informação que a sonora não deu, o complemento para que todas as informações sejam passadas.



pipa com a água do Velho Chico. Durante todo o dia, os pipeiros tiram água do rio para comercializar nos lugares aonde o líquido não chega, como é o caso de Betânia do Piauí, município em que a população, por não ter água encanada, compra o líquido, muitas vezes de má qualidade, necessário para o uso da família.

Do Piauí para o sertão pernambucano, precisamente na propriedade de seu Rinaldo, criador de gado. Na zona rural do município de Bodocó, ele tem no animal uma fonte de renda para a família. As imagens nesse ponto da matéria começam a ficar ainda mais apelativas. Bois e vacas deitados no chão sem forças para levantar, desnutridos e até mortos. O dono da propriedade explica que a situação dos animais é consequência da falta de água em grande quantidade, o que impossibilita também que o criador alimente o seu rebanho.

Seu Rinaldo não é o único a ter sua história contada no programa, Valdir Menezes também lamenta a perda de mais de 80 animais por causa da estiagem prolongada no sertão nordestino. Assim como esses dois moradores da zona rural de Pernambuco, outras famílias também foram visitadas pela equipe do programa, o objetivo era retratar o drama vivido por elas por causa da falta de chuva e enfatizar a pobreza da região.

No último bloco, a equipe dedica dois minutos e dezessete segundos para revelar uma região do sertão baiano em que a população não enfrenta os problemas e dificuldades mostrados no restante do programa. A realidade no município de Uauá, que tem as mesmas condições climáticas dos outros locais, é diferente porque as alternativas de convivência com o semiárido são eficazes e estão se tornando cada vez mais comum na vida dos agricultores e agricultoras através do trabalho de uma Organização Não Governamental, o IRPAA, que há 25 anos promove políticas de educação contextualizada com a realidade local.

#### **4. PROFISSÃO REPÓRTER CRISE HÍDRICA EM SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS**

Essa edição do programa Profissão Repórter foi exibida em 9 de fevereiro de 2015 e teve duração de 29 minutos e 17 segundos. A manchete no site da Rede Globo dizia “Profissão Repórter mostra a crise hídrica em SP, Minas e Rio de Janeiro”.

O começo é marcado pelo seguinte diálogo entre três repórteres:



Repórter 1: Nós somos três paulistas, vocês já imaginaram alguma vez que iam viver num lugar seco?

Repórter 2: Eu nunca imaginei!

Repórter 3: Eu nunca imaginei e ainda não imagino o que vai ser viver com a seca.

Em seguida, os repórteres visitam a Represa Jaguari, uma das principais do Cantareira, mais importante sistema de abastecimento de água de São Paulo, chegando a levar o líquido para seis milhões de pessoas. Tida como um ponto turístico onde os visitantes poderiam andar de lancha, a Jaguari está com mais da metade do volume de água que comporta.

Outra represa, a Billings, que abastece mais de um milhão de paulistas da região do grande ABC, está gravemente contaminada e com isso, inapropriada para o consumo humano. As câmeras mostram que as margens da represa estão desmatadas e ocupadas por moradores que acabam contribuindo com a poluição. Isso impede que a represa ofereça água de boa qualidade para os moradores do entorno, que somam 1 milhão de pessoas.

A sujeira da água fica ainda mais perceptível quando o repórter colhe uma pequena quantia num copo transparente e mostra para a câmera. O telespectador pode reparar a densidade do líquido contaminado e, mesmo sem poder sentir o mau cheiro, este fica perceptível pelos gestos e expressões faciais da equipe.

No Rio de Janeiro, o Profissão Repórter mostra a realidade dos moradores do bairro de Mesquita. O local não está recebendo água através do sistema da companhia responsável pelo abastecimento e a população se juntou para investir em alguma alternativa. Alguns vivem perfurando vários pontos ao longo da rua em busca de “ouro”, como começaram a se referir a água. Outros, captam água subterrânea através de uma bomba, tratam por conta própria e armazenam em uma cisterna. O problema é que esse líquido vindo de poços não apresenta qualidade boa para o consumo.

Ao longo da reportagem, repórteres e fontes citam o Governo como um dos culpados pela crise hídrica que já atinge três estados do sudeste brasileiro. Moradores que estão sem água culpam prefeitos e repetem que saneamento básico é lei. Repórteres, chegam a falar em off sobre as alternativas propostas pelos Governos dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.



Na capital mineira, a principal fonte da reportagem foi um agricultor que perdeu parte da produção, avaliada em 10 mil reais, por causa da falta de água no estado. Como alternativa ele improvisou, em seu próprio terreno, uma lagoa para armazenar a água da chuva a fim de reutilizá-la. Isso acontece porque o Reservatório Serra Azul, que pertence ao Sistema Paraopeba, está com 20 metros abaixo do nível normal de água.

Já na zona urbana de Belo Horizonte, a equipe acompanha o serviço dos Caça Gotas, pessoas que trabalham em busca de vazamentos ocultos e ligações clandestinas. O objetivo deles é combater o desperdício de água, que já vai em 40% na capital mineira.

A poluição e o desperdício, principais assuntos do programa, são o que acarreta o problema da falta de água na região sudeste do Brasil. Para fazer da reportagem um produto de informação confiável, a equipe recorre ao que se chama no jornalismo de fonte oficial, nesse caso as companhias de abastecimento e saneamento básico de cada estado, e cobra explicações e soluções para a crise hídrica.

## 5. ANÁLISE COMPARATIVA

As edições de Profissão Repórter discutidas neste artigo tratam de uma mesma realidade: a falta de água que assola algumas regiões do país. O que se difere, e merece análise, nesse caso é o tratamento que a equipe deu à pauta. Isso poderia se justificar pelo fato do problema ser originado por motivos diferentes por se tratar de regiões distintas do país. Porém, há equívocos de informação em uma das edições o que leva o espectador a tomar conhecimento de uma falsa realidade.

Antes de aprofundar a análise, é importante tomar conhecimento de duas informações primordiais para o entendimento do assunto principal do artigo. 1. A histórica falta de água no Semiárido nordestino é consequência do não investimento em políticas públicas na região. Não se combate a estiagem, um fenômeno natural que sempre ocorreu e sempre ocorrerá, se aprende a conviver com ela. 2. A inesperada falta de água na região sudeste é fruto da ação humana. Desperdício e poluição são reversíveis através de ações de conscientização.

Pretende-se esclarecer assim que essas são as duas informações básicas que deveriam estar na pauta de cada uma das edições do programa. É notável, ao assistir criticamente os programas, que a realidade citada em 1 praticamente não foi levada em consideração, ao contrário do tópico 2. Mas por que isso ocorreu e ocorre tão frequentemente?



Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (ano), o nordeste é uma região inventada pelo homem, que cria as fronteiras nacionais e regionais. Ele usa o termo para defender que o recorte atual que se tem da identidade nordestina foi/é criada a partir de algo que faz sentido para a vida do inventor. “O nordeste é uma invenção de elites que estão em processo de declínio econômico e político. O nordeste é uma espécie de espaço dessas elites que estavam perdendo para o centro-sul, notadamente para São Paulo, a hegemonia política e econômica do país.” pág???

Para embasar suas ideias, Muniz aponta dois elementos primordiais que definiram o nordeste: a seca, característica ligada ao clima, e a cultura própria, por não ter existido imigração estrangeira na mesma proporção que as outras regiões do país. Como exemplo convém citar a ideia de que na região de clima semiárido a população sofre por falta de água para o consumo humano. Foi mais confortável para o homem (nesse caso os governantes do país) inventar, como diria Muniz, que a região depende da água da chuva para sobreviver do que implantar políticas que permitem a boa convivência com o clima.

Ainda segundo Muniz, os estereótipos a que a região nordestina está ligada até os dias de hoje são fruto dessa invenção humana. Ao longo da história firmou-se a imagem de um nordeste miserável e digno de pena, uma região que abriga uma parcela de gente refém da seca, pobreza e fome. O que é um equívoco.

“a imagem e o texto do Nordeste passam a ser elaborados a partir de uma estratégia que visava denunciar a miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorridos neste espaço (...) as terríveis imagens do presente servem de ponto de partida para a construção de uma miragem futura (...)”(MUNIZ, 2009, p.184)

O que ocorre com a abordagem do tema “Seca no nordeste” feita pela equipe do Profissão Repórter é justamente a reafirmação da existência de uma realidade inventada. Percebe-se a não apropriação do tema por parte da equipe ao direcionar o encaminhamento da pauta para caminhos controversos ao que realmente ocorre na região. Não se pretende questionar aqui a credibilidade do programa nem a verossimilhança dos fatos narrados, mas discutir a força da influência do produto jornalístico de televisão e as consequências que isso pode gerar.

Embora o termo “seca” seja utilizado na produção do sudeste, nota-se que ele aparece com bem menos frequência do que no programa sobre a região nordeste. A falta de água em São Paulo, Rio de Janeiro e



Minas Gerais é tratada, no encaminhamento da pauta, como algo proveniente do baixo volume de água nos sistemas de abastecimento, o que é uma consequência do desperdício e da poluição. Já no Semiárido nordestino, a produção mostra se tratar de um local onde a água existente é apenas a da chuva e por isso as pessoas vivem à sua espera.

Sobre esse primeiro questionamento é importante discutir o poder que um termo exerce no conteúdo final. De acordo com o texto “Não há seca no Semiárido”, disponível na cartilha “25 anos trabalhando pela convivência com o Semiárido”, “(...) o termo ‘seca’ não cabe bem no contexto climático do Semiárido. A palavra ‘seca’ caracteriza uma situação climática excepcional, de baixa pluviosidade, numa região que normalmente apresenta chuvas regulares. Esta definição não se aplica ao Semiárido Brasileiro.”

Se a seca é uma condição de lugares onde se costuma ter índices normais de chuva, então não seria mais conveniente relacionar o termo ‘seca’ com a situação do sudeste do país? Sim, já que, como diz na citação acima, ela (a seca) é uma característica excepcional e o que acontece no Semiárido nordestino é natural e atende por outro nome: estiagem. Porém, não cabe caracterizar como seca nenhuma das duas situações, pois o problema da falta de água é causado por motivos que podem ser solucionados.

Ainda sobre os termos usados erroneamente nas duas produções do Profissão Repórter, vale enfatizar o equívoco por parte da equipe ao tratar de “seca” e “estiagem” como se fossem as mesmas coisas. Durante o programa sobre o nordeste, os repórteres ora usam um, ora usam outro para se referir a condição climática a que a região está submetida. No primeiro bloco, por exemplo, o repórter Caco Barcellos diz “por causa da seca” e “sofrem com a estiagem” para se referir a morte do gado e aos criadores do animal respectivamente.

Sobre a primeira frase é válido explicar que a causa da morte do gado é sim por falta de água, mas isso ocorre frequentemente porque o animal não apresenta condições para viver em regiões de clima semiárido, já que consomem grande quantidade água diariamente. Quanto à segunda afirmação do repórter, se trata de uma frase com grande poder apelativo, pois os sertanejos não sofrem com a estiagem e sim com a falta de água encanada em suas casas.

Porém, a ideia de sertão que “sofre com a estiagem” é tão disseminada como verdade absoluta que as próprias vítimas contribuem com a reprodução desse discurso. Ao longo da matéria um sobe-som<sup>5</sup> de

---

<sup>5</sup> Recurso usado para transportar o ouvinte para o cenário da notícia, aquele som captado no momento de uma ação.



um agricultor durante a manifestação em frente ao Banco do Nordeste, diz: “Se não Chove, não planta. Se não planta, não colhe. E se não colhe, não se paga dívida”. Essa expressão deixa claro tamanha certeza por parte dos sertanejos, de que são realmente um povo que depende da água da chuva, o que reafirma a ideia de que “o nordeste é uma região inventada pelo homem”(MUNIZ, 2009)

Outro ponto que merece ser discutido aqui diz respeito ao local onde os repórteres gravam a maior parte das reportagens. No caso do nordeste, a edição inteira se passa na zona rural, exatamente onde a população é carente de sistemas de esgoto e água encanada. Essa escolha de mostrar a situação de quem está distante da zona urbana contribui para reforçar a ideia de que o Semiárido está sempre ligado ao rural. Já no sudeste, os repórteres se dedicam a mostrar a falta de água nos grandes centros urbanos e enfatizam a verdadeira causa da crise hídrica: o baixo volume de água nas principais represas que abastecem a região.

As fontes e personagens que fazem parte dos programas também “dizem” muito sobre como a pauta foi encaminhada. No primeiro programa observa-se apenas a aparição de fontes independentes, aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico, e as caracterizadas como testemunhais, as que têm envolvimento com o fato e o relatam para os repórteres, deixando o produto audiovisual mais confiável e imediato.

O que não aparece no programa sobre a seca no nordeste é uma fonte oficial que, no meio jornalístico são tidas como as mais confiáveis, as que irão passar a informação com maior precisão. Esse tipo de fonte é mantida pelo Estado, por instituições ligadas a ele ou por empresas e organizações. Essas são devidamente usadas no programa sobre a crise hídrica no sudeste do país.

“No meio jornalístico, são tidas como as mais confiáveis. Lage chama a atenção para o fato de que as fontes oficiais podem falsear a realidade para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, ou em função de lutas internas pelo poder.” (SCHEIBE, 2011)

Essa citação de Roberta Scheibe ajuda a reforçar a ideia, já discutida neste artigo, sobre a verdade inventada a partir do interesse do homem. O nordeste é sim a região do país que mais sofre com a falta de água, mas de quem é a culpa? Dos políticos, figuras preteridas na edição do programa, que não investem em políticas públicas para quem necessita delas, ou de Deus que não manda chuva? Por que as fontes oficiais foram “esquecidas” na edição do programa sobre a estiagem no Semiárido?



Em contrapartida a toda miséria pautada no Profissão Repórter gravado no sertão nordestino, existe na região um forte trabalho que reeduca o sertanejo ensinando-lhe a conviver com o clima. A educação contextualizada com a realidade local é uma ferramenta pedagógica que vem, ao longo da história, provando para essas pessoas que as condições climáticas a que estão sujeitas são naturais e que é possível construir um modo de viver e agir em um ambiente específico.

“A convivência com o semiárido é um processo de comunicação com a natureza no qual a mulher e o homem aprendem a construir um modo de vida e produção em harmonia com o contexto ambiental e climático, respeitando, mas também modificando, os saberes e a cultura local, utilizando tecnologias e procedimentos adequados, criando políticas apropriadas, possibilitando, assim, qualidade de vida na região.”(IRPAA,2015)

Políticas de convivência com o semiárido como as citadas acima são até pautadas na produção do programa, porém aparecem no final da edição em pouco mais de dois minutos contra 22 de seca, fome e miséria. Dessa forma, ao final, que imagem prevalece? A de sertão que convive bem com clima ou a de povo sofredor e refém da chuva?

## 6. CONCLUSÃO

“Ainda considerada por muitos como um instrumento de entretenimento, a televisão vai muito além disso, é um espaço de realização da vida pública além de ter um potencial para a formação de opinião. Segundo Coutinho (2006), no Brasil a televisão é um importante difusor de informação e de "acesso" ao mundo”. (SANTOS E GONÇALVES, 2014)

Com base nessa ideia de instrumento formador de opinião, cabe lembrar aqui o que Vizeu e Correia (2006) também afirmaram sobre o poder da mídia televisiva. Segundo os autores ela é um meio de construção da realidade e um "lugar de referência". O presente artigo discute justamente como os produtos televisivos, no caso um programa de uma grande emissora brasileira, cujo quem está a frente é um renomado jornalista, contribui para a disseminação de ideias importantes para a formação do telespectador.

Porém, mostrou-se aqui que nem sempre essas ideias condizem com as realidades que cercam os fatos e desse modo a televisão passa a ser um reproduzidor de imagens estigmatizadas. Isso reflete a importância do investimento em jornalismo



contextualizado e, mais importante ainda, educativo. É também primordial que a equipe de produção estude e busque o máximo de informações sobre os fatos ligados a pauta para evitar equívocos nas informações.

"Talvez o público acorde para o papel que elas (televisões públicas) deveriam cumprir. Apenas talvez: esse despertar não será simples. O telespectador cidadão já não leva muito a sério essa conversa de televisão pública", disse o jornalista Eugênio Bucci sobre a manipulação das mídias. Dessa forma, conclui-se que o papel social da televisão é, ou pelo menos deveria ser, mostrar a realidade para formar opinião, porém, como discute-se neste artigo, não é o que de fato ocorre. Onde está o erro e por onde devemos começar a repará-lo?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Água. Disponível em: < <http://www.irpaa.org/modulo/agua> > Acessado em 16 de maio de 2015
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p
- Articulação no Semi-árido Brasileiro. **Tanque de Pedra**. 3º edição, Recife, 2012.
- BUCCI, Eugênio. In: LIMA, Jorge da Cunha Lima. **Uma história da TV Cultura**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2008.
- CORREIA, João Carlos & VIZEU, Alfredo. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. Porto Alegre: UFRGS e SBPJor, 2006.
- COUTINHO, Iluska. **Público, Telejornalismo e Identidade: Uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual**. Santos, 2006.
- GNADLINGER, João. **A Busca de Água do Sertão**. 5º edição, Juazeiro, 2011.
- GONÇALVES, Patrícia Lais de Souza & SANTOS, Fabíola Moura Reis. **TV Caatinga, A Verdadeira Imagem Do Sertão**. Petrolina, 2014.
- Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **25 Anos Trabalhando pela Convivência com o Semiárido**. 1º edição, Juazeiro, 2015.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, ígor; e ROXO, Marco: **História da Televisão no Brasil**. São Paulo: Ed: USP, 2011.
- SCHEIBE, Roberta. **Fontes Jornalísticas**. Disponível em: <<https://robertascheibe.wordpress.com/2011/05/19/fontes-jornalisticas/>> acessado em 16 de maio de 2015